

# Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

## ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correio  
pós-tal; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeroz, 2\$500 réis; Semestre ou 26 nume-  
ros, 1\$250 réis; trimestre ou 13 numeroz 700 réis; avulso 60 réis.

— ANNO II—14 DE JANEIRO DE 1883—N.º 47—

GERENTE-PROPRITARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

## ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeroz, 1\$600 réis; semestre ou 26 numeroz  
1\$000 réis; trimestre ou 13 numeroz 500 réis; avulso 200 réis.

São agentes da empresa ao Rio de Janeiro os srs. Lino  
& Pardo, Rua do Ouvidor.

## SUMARIO

GRAVURAS—Cada qual no seu officio. No lago. My noticia. Habitacões sobre estacas de alguns povos da America.

TEXTO—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras, por P. C. Roscher, por Joaquim d'Arnaço. As tres Boumpartes, por Jayme Victor.  
O commendador Mondoza, por D. João Valera

## ACTUALIDADES

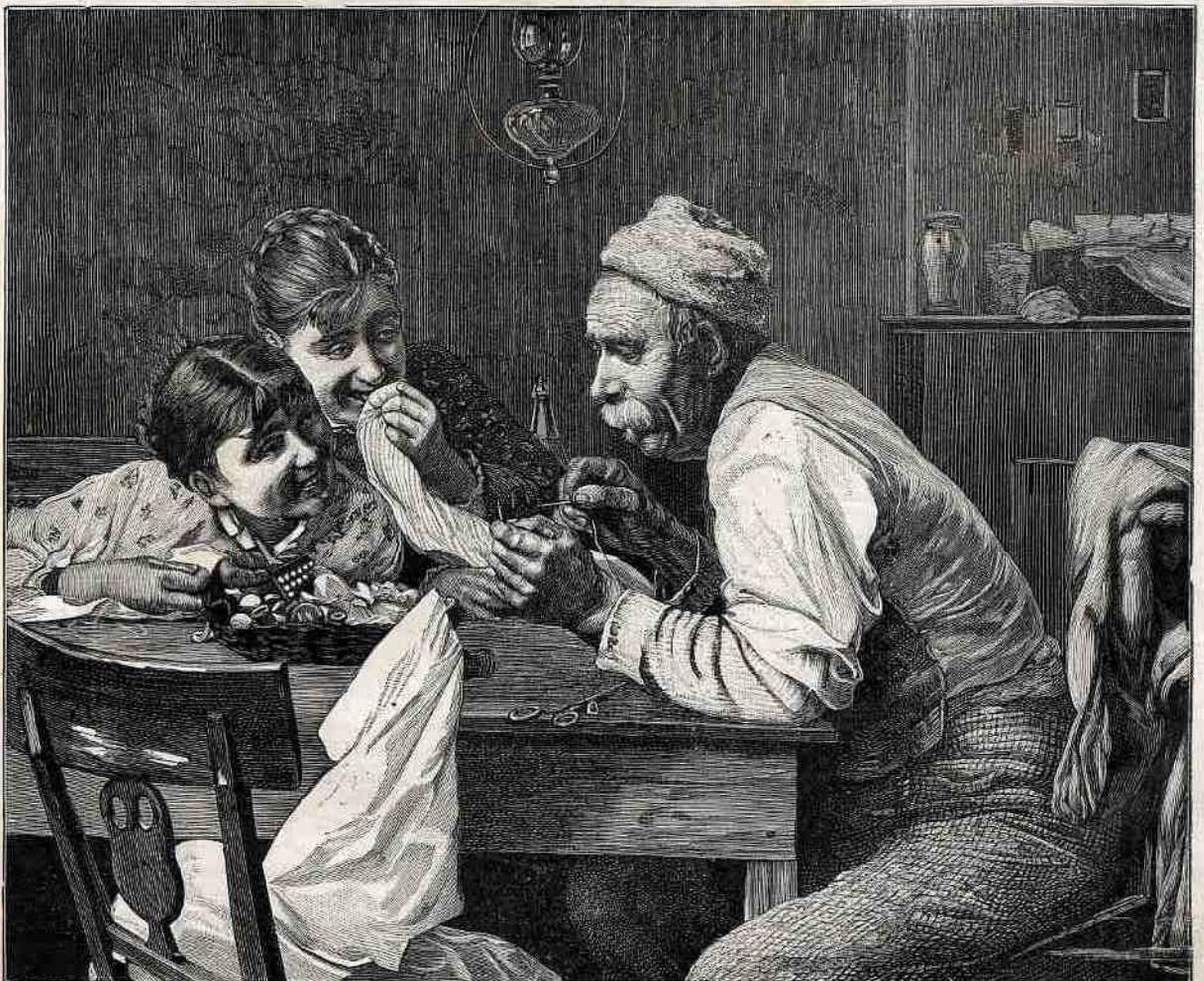
As duas casas do parlamento estão n'este momen-

to entregues á tarefa constitucional conhecida pelo  
nome de

RESPOSTA AO DISCURSO DA CONDA

Eu, na minha profunda ignorancia das praxes

políticas não comprehendo muito bem o que seja  
esta resposta, uma vez que resposta supõe per-  
gunta, e, o discurso da eorda não perguntava coisa  
nenhuma.



CADA QUAL NO SEU OFFICIO

Se o augusto chefe do Estado, subidos os degraus do throno, sentado na régia poltrona, encarasse os membros reunidos das duas camaras e, procurando na garganta a inflexão tremula das interrogações ansiosas se lhes dirigisse por esta forma:—Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza, é com verdadeiro prazer que me encontro mais uma vez no seio da representação nacional?—compreende-se que os dignos pares do reino e os senhores deputados da nação portugueza, interpellados por esta forma, pensassem durante um mez sobre o caso, discutindo-o com a somma de madureza e argumentos exigidos pela sua importancia e magnitude, virando-o e revirando-o por todos os lados, examinando-o de frente, de perfil, a tres quartos, até que, consciões de que nada lhes escapára, podessem responder a Sua Magestade—é, ou não é com verdadeiro prazer que Vossa Magestade se encontra mais uma vez no seio da representação nacional.

Eu bem sei que a politica, posta a questão n'estes termos, não deixaria de a explorar com as conhecidas subtilidades e artimanhas da oratoria parlamentar.

Assim, a opposição, cujo triumpho consistiria em provar ao paiz não ter sido com verdadeiro prazer que El-Rei se encontrara mais uma vez no seio da representação nacional, lançaria mão dos mais cavilosos argumentos para chegar a este *discederatum*.

O sr. Marianno diria:—Senhor Presidente—sei de antemão o que a maioria vai votar. Vota agora, como sempre, o que o governo quer. Não será isso porém motivo para que eu me calle.

UMA VOZ:—Já cá se sabia, uma prova é que está fallando.

O sr. MARIANNO:—Coisa que o illustre deputado não faz senão em ápartes. (A voz embucha). Sr. Presidente—é sabido que sua Magestade padece do figado.

O sr. PRESIDENTE:—Lembro ao illustre deputado que a pessoa de El-Rei é indiscutível.

O sr. MARIANNO:—A pessoa sim, o figado não... Se Luiz XIV disse uma vez:—O estado sou eu,—creio que o sr. D. Luiz I nunca dirá:—Eu sou o figado.

UMA VOZ:—Insulta o chefe do Estado!

OUTRA VOZ:—A cabeça da nação!

O sr. MARIANNO:—Perdão, eu não fallei na cabeça, fallei e estou fallando, mas é do figado... O illustre deputado é que me parece ter perdido a sua e estar mal do seu.

VOZES:—Ordem! Ordem!

O sr. MARIANNO:—Como ia dizendo,—é sabido que Sua Magestade padece do figado. Tanto isto é assim que o augusto chefe do Estado raro anno se passa sem tomar as aguas de Vidago,—na sua origem. Ora ninguem vai a Vidago, em Traz-os-Montes, no calcanhar do mundo.

UMA VOZ:—Sem padecer do figado. Está claro!

O sr. MARIANNO:—O contrario do que acontece ao espirito do illustre deputado—esse está escuro. Se o padecimento de Sua Magestade fosse ligeiro, Sua Magestade não se daria o incommodo de uma viagem, que nada tem de agradável. Portanto, Sua Magestade soffre. Ora, quem soffre, e muito principalmente quem soffre do figado,—do figado, sr. presidente, o gerador da bilis, o causador da ictericia, aquella doença que faz a face amarella e a alma cõr da treva, tamanho é o aborrecimento que se apode-

ra de nós—quem soffre do figado, sr. presidente,—não pôde ter verdadeiro prazer—logo, Sua Magestade se disse isso, foi, unica e simplesmente, por um sentimento de delicadeza,—que lhe fica muito hem—mas a que nós não podemos corresponder do mesmo modo, porque o paiz elegeu-nos para dizer a verdade, e não para elaborar compendios de civilidade. Disse.

Sentado o sr. Marianno, levantar-se-hia o sr. Manuel de Arriaga, o mais formoso tribuno da Idéa Nova, sem desfazer no sr. Magalhães Lima, que é tambem um bonito rapaz.

O sr. Arriaga, anediada a loira coma leonina, composta a luneta, cofiado o bigode, limpo o pigarro obstructor, diria com a sua formosa voz, muito mais violino amoroso de serenatas, do que temerosa trombeta de guerra.

—Sr. PRESIDENTE:—(S. Ex.<sup>a</sup>, na sua qualidade de ilheo, acontece-lhe trocar, uma ou outra vez, o *en por an*. O que, de resto, nada prejudica a causa defendida por S. Ex.<sup>a</sup>. A monarchia e a republica nada tem que ver com a prosodia dos seus coriphéos).—Sr. Presidente:—Eu não posso admittir que fosse com verdadeiro prazer que o chefe do Estado se encontrasse mais uma vez no seio da representação nacional. Como poderia o chefe do Estado ter verdadeiro prazer em encontrar-se no seio (e S. Ex.<sup>a</sup>, confundindo o seu com o da questão, faria o gesto) no seio da representação nacional quando o paiz está no cairel...

—O sr. Roza Araujo para o sr. Antonio Ignacio da Fonseca:—O que é cairel? Aquillo será comnosco? E' coisa da camara?

—O sr. FONSECA:—Não sei, desconfio. Estes republicanos...

O sr. Roza Araujo para o sr. visconde do Rio Sado:—O que é cairel?

—O sr. VISCONDE:—E' rhetorica. Como quem diz orla, beira, borda...

—O sr. Roza Araujo e o sr. Fonseca, com um suspiro de allivio—Ah!

—O sr. ARRIAGA:—... no cairel, á beira do abysmo, quando o povo se sente esmagado sob o pezo dos tributos, quando o phylloxera, essa praga mais devastadora que todas as pragas do Egypto, vai talando os nossos campos, causando-lhes mais prejuizos do que um exercito de barbaros, embriagados na rapina, no saque, na devastação?!

O quê? Pois é este o quadro que a nação nos apresenta—e temos de ter a coragem de responder ao chefe do Estado que ~~se~~ com verdadeiro prazer que elle veio aqui? Mas de quem, senão dos que tem estado n'esta casa, senão dos que tem occupado essas cadeiras ha perto de cincoenta annos, é a culpa d'este estado a que chegamos. Os deputados, os chamados—irrisoriamente—eleitos do povo, podem comparar-se para a vida politica do paiz aos seus medicos assistentes. Uma lei é para a vida politica o que um remedio é para a vida phisica. Ora, se o paiz definha, se o paiz desfallece, a que deve attribuir-se este definhamento, este desfallecimento senão a um tratamento contra-indicado—isto é, a leis absurdas, prejudiciaes, nocivas. Diz-se e escreve-se que os reis são os paes dos povos:—como pôde admittir-se que um pae esteja com verdadeiro prazer junto dos medicos que, por ignorancia, desleixo, ou má vontade lhe poseram o filho ás portas da morte?—Não! impossivel! Sou republicano (o sr. Manuel de Arriaga bem entendido)—sou republicano, mas

não quero fazer essa offensa ao chefe do Estado—Não foi, não podia ser com verdadeiro prazer, que elle se viu no seio da representação nacional!

(Esta *blague* saiu um pouco a serio—mas o leitor desculpará).

Mas, afinal, El-rei não perguntou coisa alguma aos dignos pares, coisa nenhuma perguntou El-Rei aos senhores deputados. Sua Magestade affirmou positivamente, solemne, peremptoria e cathegoricamente que era com verdadeiro prazer que se encontrava mais uma vez no seio da representação nacional.

Ora é sabido—quem o ignora ahí?—é sabido que ás affirmações d'este genero, ás affirmações *tetra-adjectivadas* só um commentario se pôde fazer, o qual commentario é este:

—Sim senhor!

Se um sujeito, por exemplo, nos disser d'um modo positivo, solemne, peremptorio, cathegorico,—E' com verdadeiro prazer que vou hoje a Cacilhas—uma pessoa, bem educada, logo que esta phrase lhe bata em cheio no peito, não tem senão isto a fazer:—espalmar as mãos, esfregal-as com certa satisfação, abrir os labios n'um sorriso, e dizer:

—Sim senhor! Sim senhor!

Portanto, ahí tem os senhores a verdadeira resposta ao discurso da corõa: a cada periodo, a cada affirmação de Sua Magestade,—... as nossas relações com as potencias estrangeiras... a extincção do deficit...—os dignos pares, e os senhores deputados da nação teriam espalmado as mãos, tel'ashiam esfregado com certa satisfação, os seus labios abrir-se-hiam em sorrisos approvadores, em quanto que, das suas gargantas, leves ao principio como murmurios, mas depois em *crescendo* como a calumnia na aria do *Barbeiro* sabiriam os taes:—Sim senhor! Sim senhor!—a que já nos referimos. Certo inclinar de cabeça, grave e vagaroso, completaria este projecto de resposta ao discurso da corõa—projecto que teria sobre todos apresentados até hoje a grandissima vantagem de não custar um ceitil. Isto n'um paiz em que esta resposta custa, termo medio, mil libras sterlingas—parece-me digno da attenção do governo.

Se o illustre deputado, o sr. Antonio Maria de Carvalho, entender que tem aqui assumpto para uma interpellação... sem cerimonia.

Ah! o tem.

URBANO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

Cada qual no seu officio

E' deliciosa a gravura, não é? Como está bem apanhada a expressão da physionia do velhote, que se obstina com as suas mãos callosas e rudes a enfiar uma agulha, e que, meio empenhado em levar ao cabo tão importante tentativa, meio descoroçoado, sorri de ver rir as raparigas. Como se percebe que elle está dizendo: «Ah! vocês riem-se suas maldosas! Pois esperem lá que eu as arranjo! Esperem-lhe pela volta, minhas tontinhas. Eu já as ensino, suas patetas! Leva tempo, mas ha-de-se arranjar, e então é que eu triumpho!» E como ellas riem bem, naturalmente, francamente! Não, decididamente, o melhor é não procurarmos commentarios. O desenho é tão bom, tão bom que, por assim dizermos, se commenta a si proprio!

## No lago

Os lagos são o eterno scenario das situações romanticas. A serenidade das suas aguas, que nenhuma corrente agita, a moldura verdejante que habitualmente os cerca, tudo inspira aos poetas melancolicos as mais sentimentaes endeixas. Lembram-se do Lago de Lamartine. O poeta, ao lado da sua candida Elvira, sulca n'um barquinho as aguas tranquilas de um lago. O ceu está azul, as leves ondasi-nhas quebram com um ligeiro ruído no costado do barco, Lamartine e a sua bella descantam plangentes endeixas nos braços um do outro. Foi então que elle teve aquella idéa estrambotica, aquella idéa de cão de agua de se atirar, juntamente com Elvira, do bote abaixo, para darem um trabalhão dos demônios ao desgraçado que tivesse de os pescar.

*Un soir*, conta Lamartine:

Un soir, t'en souvient-il? nous voguions en silence;  
On n'entendait au loin, sur l'onde et sous les cieux,  
Que le bruit des rameurs, qui frappaient en cadence  
Tes flots harmonieux

E suspiros para aqui, e suspiros para acolá, e depois veio Niedermayer, e accrescentou á melodia dos versos do poeta a melodia das suas notas, e durante quarenta annos chorou-se ao piano em todas as salas sobre as desgraças d'aquelles dois amantes, que andaram a passear platonicamente pelo lago, e pelas paginas de *Raphael*, a sua casta e melancolica paixão.

O bardo de Castilho esse tambem andou n'um lago, mas havia temporal no lago, e temporal na alma do poeta. Ia tudo raso com elle, as ondas furiosas já não tinham harmonias, tinham rugidos, como rugidos tinha o poeta sinistro, que

Do manto escuro sacudindo a chuva  
dizia aos pescadores  
Ao lago, amigos!

Esse procurava o temporal, e desaliava-o a que fosse mais violento do que elle proprio, esse queria utilizar o lago não simplesmente para matar Elvira e para se matar a si como o Raphael, que andou sempre a morrer de paixão, e que morreu de velho, depois de ter sido quasi presidente da republica, de ter devorado umas poucas de riquezas, e de ter enterrado duas ou tres Elviras, o poeta de Castilho esse era muito mais radical, queria aproveitar o lago para dar cabo do sexo feminino em peso:

Podesse uma só nau contel-as todas  
E o piloto ser eu!

Olhem se elle se apanha no barco da gravura! Não está allí o sexo feminino todo, mas estão duas gentilissimas representantes, que sempre formariam um *à-compte*. Desconfio contudo que o bardo de Castilho, se fosse piloto d'este barquinho, transigia com todas, porque sinceramente v. ex.<sup>as</sup> não-de desculpar, mas não era preciso estar tão zangado como estava o bardo dos *crimes* para dar em pantana com uma nau onde houvesse por passageiras os milhares de milhões de pessoas que constituem o sexo feminino universal, e um homem só por piloto. Qualquer que elle fosse, dava em doido primeiro, e dava com o bote nos rochedos depois.

Muito mais pacatos eram os poetas inglezes e especialmente irlandezes, que formaram n'este seculo a seita poetica dos *lakistas*, uma verdadeira Arcadia moderna, cujos socios se consagravam ao culto do Monte Menalo—ao culto da vida pastoril. Eram lagos para a direita e lagos para a esquerda, lagos em es-

trophe spenseriana, lagos de todo o feitio. Essa escola não fazia outra coisa senão cantar os lagos. Era pouco variado, e os discipulos demais a mais não se podiam zangar se alguém lhes chamasse *poetas d'agua doce*.

Pois ainda appareceu na França um *lakista* delicioso—Victor de Laprade. Permittirão os leitores a pessoa que escreve estas linhas reproduzir aqui o que Laprade diz dos lagos, humildemente transladado para verso portuguez?

Ahi vae!

Se uma idéa vaporosa  
bate as azas, quer voar,  
prazer, dôr mysteriosa,  
doce aroma de uma rosa  
que aneia por se exhalar.

Se a saudade te devora,  
se tens um desejo vago,  
se visões encantadora  
na tua alma ri ou chora,  
vae sentar-te junto a um lago.

Escuta, se o lago canta,  
vê, se dorme, o que elle esconde,  
espelho em que o azul te encanta,  
meiga voz que allí descanta  
sempre a onda te responde.

No campo a andorinha inquieta  
paira, a aguia voadora aos ceus,  
do bosque a rola é dilecta,  
porém o neigo poeta  
e o cysne, ó lago, são teus!

Nas duas gentis senhoras, que tripulam o bote, estão representadas as duas escolas. A que vae em pé pertence a familia das apaixonadas, das Elviras que apertam ao coração os Raphaelis, e das que ascendem na alma dos bardos de *manto escuro* todas as tempestades da paixão humana, a que vae sentada é *lakista*, os seus grandes olhos serenos fitam-se no espelho em que o azul a encanta, e o seu ouvido procura perceber a doce resposta das aguas.

## Má noticia

Não precisa de largos commentarios a gravura. As physionomias são profundamente expressivas, e denunciam bem qual será o contheúdo d'esse papel fatal, que a mão desalentada de uma d'essas pobres mulheres deixa cair sobre a meza. Em vez de nos estendermos pois em observações, permittam-nos os leitores que lhes dêmos um conto delicioso de Alphonse Daudet, que vem bem a proposito d'esta gravura, e que lhe foi inspirado, segundo conta Ernesto Daudet n'um estudo acerca do irmão, por um facto real da sua vida. Esse conto é o

## O PRIMEIRO TELEGRAMMA

N'esse dia tinhamos jogado uma pequena partida do jogo das barras ao sair do collegio — e como uma partida pequena traz sempre consigo outra grande—era muito tarde quando me decidi a ir para casa.

Da Praça d'Armas á rua dos Cortadores, onde então moravamos, corri sem parar, com os meus livros presos á cinta e o boné seguro nos dentes. Chegando á escada, parei um minuto para tomar a respiração, o tempo sufficiente para inventar a mentira que devia justificar a minha entrada áquella hora, e bati corajosamente á porta. — «Bons dias Daniel, diz-me meu pae vindo abrir, vens muito tarde, meu amigo.» Comecei a impingir ousadamente a minha historia, mas o excellente homem não m'a deixou acabar; puxou-

me para si e teve-me muito tempo abraçado, silenciosamente. Eu, que esperava um grande sermão, fiquei extremamente surprehendido com este acolhimento. A minha primeira idéa foi que tinhamos visitas a jantar. Sabia por experiencia que nunca me ralhavam n'esses dias. Mas ao entrar na casa de jantar vi logo que me tinha enganado. Na meza estavam só tres talheres; o de meu pae, o meu e o de minha irmã pequena. — «A mamã não janta connosco? perguntei eu admirado.» — «A tua mãe não está cá, Daniel, respondeu-me meu pae com doce voz, foi a Narbonna vêr teu mano padre que está muito mal.» Depois, vendo que eu tinha empallidecido, accrescentou para me socegar, quasi risonho: «Quando digo muito mal é um modo de dizer... Escreveram-nos dizendo que elle está de cama... Sabes como é tua mãe... Quiz por força ir vê-lo... Aquillo não ha de ser nada... Vamos, senta-te e jantemos... Estou a morrer de fome.» Sentei-me sem dizer nada, mas tinha o coração pesado, e custava-me immenso a suster as lagrimas ao lembrar-me que meu irmão padre estava muito mal. Jantámos tristemente... Estavamos longe uns dos outros...

Ninguém fallava. — A minha irmã pequena, empo-leirada na sua cadeira alta, chafurdava no prato sem ninguem reparar n'isso, meu pae comia depressa, bebia a largos tragos; depois parava de repente e punha-se a pensar... Eu immovel no fim da meza, e como que fulminado, lembrava-me dos magnificos passeios ao campo, que dava com o meu irmão padre, quando elle vinha passar alguns dias a casa. Via-o a arregajar intrepidamente a batina para me ensinar a saltar os vallados. — Lembrava-me tambem do dia da sua primeira missa, a que assistiu toda a familia, como elle estava bonito quando se voltava para nos de braços estendidos dizendo «Dominus vobiscum!» com uma voz tão doce que minha mãe chorou de alegria.

Agora via-o lá no fundo d'aquella terrivel Narbonna, deitado, doente, longe de todos, e o que redobrava o meu pezar de o saber n'aquelle estado, era uma voz que me gritava no fundo do coração: «Deus castiga-te! a culpa é tua!... Devias ter vindo direito do collegio; e não devias ter mentido!» E cheio d'esta horrorosa idéa de que Deus para me castigar ia deixar morrer meu irmão, desesperava-me, e dizia comigo:

— «Nunca! nunca mais jogarei o jogo das barras ao sair do collegio.»

Acabado o jantar, accendeu-se o candieiro e começou o sermão... Minha irmã deitou os bonitos todos em cima da toalha branca e divertia-se silenciosa, muito contente por se terem esquecido de a deitar; meu pae lia ao pé d'ella...

Eu, tinha aberto a janella, e estava encostado ao parapeito...

Era uma noite de agosto. O ar estava pesado e o calor asphyxiante... Ouviu-se na rua rir e conversar a gente ás portas das suas casas, e os tambores do forte de Santo Ivo tocavam a recolher...

Estava ahi havia instantes, pensando em coisas tristes e olhando vagamente para a noite, quando uma violenta campainhada veio arrancar-me bruscamente da janella. Olhei assustado para meu pae, e vi como que passar-lhe pelo rosto o estremecimento da angustia e do terror que me percorria a espinha. «Bateram» disse-me elle quasi que em voz baixa.

— Deixei-se estar, eu vou ver quem é! e corri á porta.

No limiar estava um homem em pé. Vi-o na sombra estendendo-me uma coisa que eu hesitava em receber. — «E' um telegramma, disse-me elle—Um

telegramma, santo Deus!» Recebi-o tremulo e ia a fechar a porta, mas o homem segurou-a com o pé e disse-me friamente:

—Precisam de assignar isto!

Era preciso assignar!...

«Quem é, Daniel?» perguntou-me meu pae.

gramma escondido debaixo da minha jaleca. Oh! o telegramma que eu tinha escondido sob a minha jaleca, era um telegramma fatal!—Não queria que mais ninguem te visse porque sabia o que tu nos vi-nhas anunciar, e nada me disseste de novo—ou-ves—telegramma? nada me disseste que o meu co-

A's vezes tentava animar-me a mim mesmo, e dizia: «Quem sabe? Talvez seja uma boa noticia... talvez elle esteja melhor, bom já, etc. etc.»

Mas no intimo sentia perfeitamente que não era verdade, que estava mentindo a mim proprio, que o telegramma não dizia nada d'isso.



NO LAGO

—Ninguem, respondi eu, é um pobre!

E fazendo signal ao homem que me esperasse, corri ao meu quarto, molhei a pena no tinteiro mesmo ás escuras, ás apalpadelas e depois voltei.

O homem disse-me: «Assigne aqui!» Assignei com mão tremula à luz do candeeiro da escada, depois fechei a porta e tornei a entrar em casa com o tele-

ração não tivesse já advinhado.

—Era um pobre? perguntou meu pae, olhando para mim.

Respondi sem côrar «era». E para afastar suspeitas, voltei para a janella. Demorei-me um pedaço sem me mover, sem fallar, apertando contra o peito esse papel, que me queimava como fogo...

Finalmente decidi-me a retirar-me ao meu quarto para saber d'uma vez para sempre o que elle dizia. Sabi da casa de jantar lentamente, com uns grandes ares d'indifferença, mas quando me achei no meu quarto, com que febril rapidez accendi a luz e como as minhas mãos tremiam ao abrir aquelle telegramma de morte! e de que ardentes lagri-

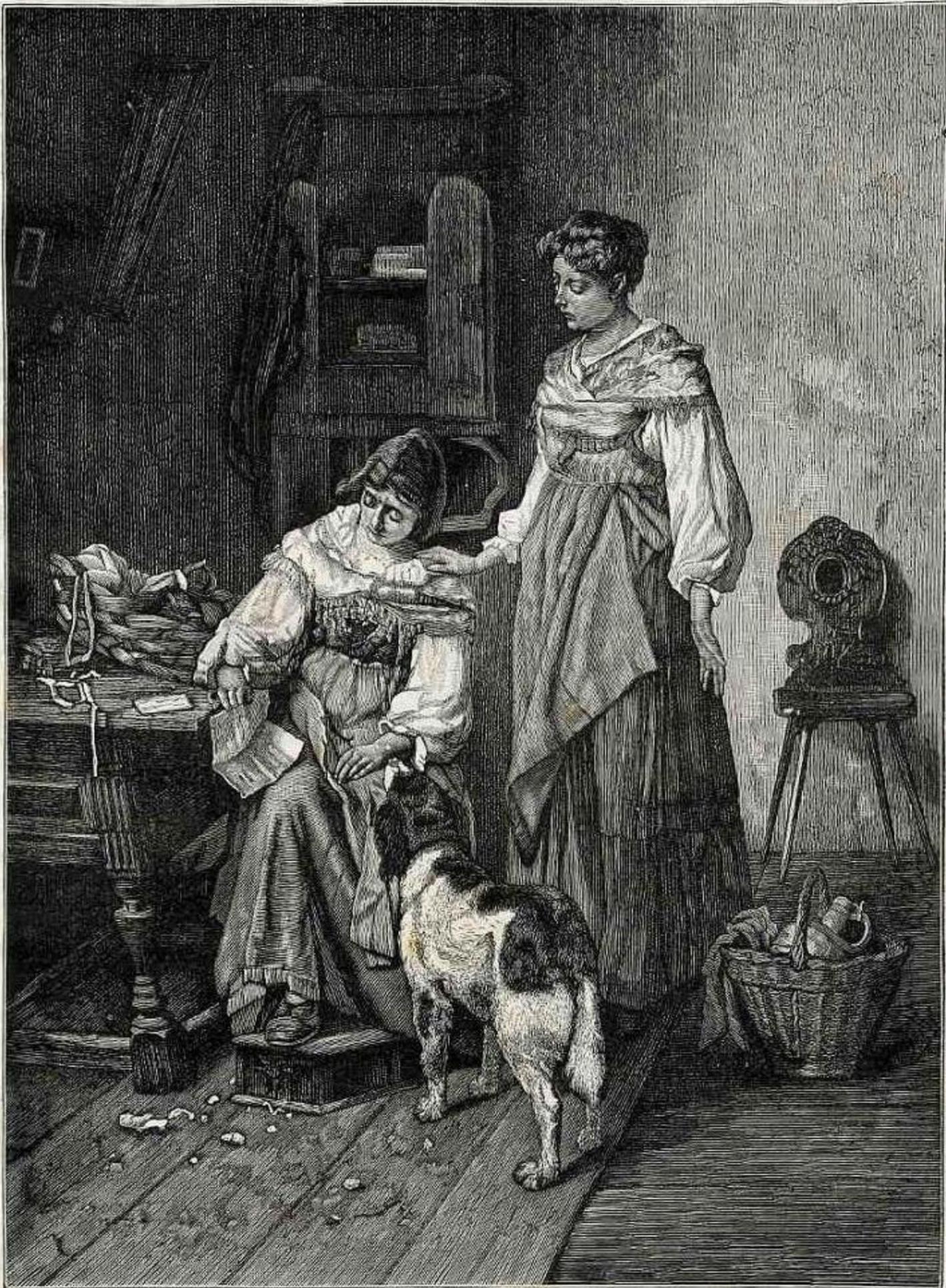
mas o orvalhei depois de o abrir... Reli-o vinte vezes, esperando sempre ter-me enganado; mas infelizmente, pobre de mim, por mais que o lêsse e relêsse, que o voltasse de todos os lados, não pude fazer com que elle dissesse coisa diversa do que dissera ao principio, e que eu sabia bem que elle dizia:

telegramma tres vezes maldito... O que havia eu de fazer, como havia de dar a meu pae aquella terrivel noticia, e com que direito a tinha guardado até então só para mim? Não teria sido melhor ir ter logo com elle quando veio o telegramma?

Tel-o-iamos aberto; e já tudo estaria acabado!...

não ria, pelo amor de Deus...

Então, quando eu olhava para elle assim, tristemente, meu pae ergueu a cabeça... Os nossos olhares encontraram-se, e não sei o que elle viu no meu, mas sei que o seu rosto se desfigurou subitamente, que do seu peito sahiu um grito terrivel, e que me disse



#### MÁ NOTICIA

«Morreu! Rezem por elle!»

Quanto tempo fiquei em pé, rezando, chorando, agonizando, ante esse telegramma aberto?—Não sei. Lembra-me apenas que, antes de sahir do quarto, lavei muitas vezes a cara, depois entrei na casa de jantar levando na mão febrilmente fechado esse

Emquanto murmurava todas estas coisas, approximei-me da meza, e sentei-me ao lado de meu pae, que fechára o livro e estava brincando com a minha irmãinha... Via o seu bondoso rosto, semi-illuminado pelo candeieiro, animar-se e rir de vez em quando, e eu tinha desejos de lhe dizer: «Oh! não!

com uma voz que dilacerava a alma: «Morreu! não é assim?» que eu cahi nos seus braços soluçando, e que chorámos assim longamente, nos braços um do outro, em quanto ao pé de mim, a pequena brincava com o telegramma, com o horrivel telegramma de morte, causa de todas as nossas lagrimas!...

Is: o que conto passou-se ha muito tempo... Ha já muito tempo que dorme no triste cemiterio de Narbonna o pobre padre que eu tanto amei. Pois bem! Querem crêl-o? ainda hoje, quando recebo um telegramma, nunca o abro sem um estremeamento de terror... parece-me sempre que vou lêr que elle morreu, e que resamos por elle!

#### Habitações sobre estacas de alguns povos da America

Alguns tribus indias da America Central, vivendo nas proximidades de lagos, lagôas e rios, ou nos terrenos alagadiços das margens, constroem as suas embarcações sobre estacas, do modo que a nossa ultima gravura representa.

## ROSICLER

### NUMERO DO INTERMEZZO

(Heito)

A MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Por muito tempo ainda  
Ficaste-me fiel,  
E, providencia infinda,  
Do meu viver cruel,  
—A's minhas agonias  
Dêste consolações,  
E vinhas, e acudias  
A's minha e privações!

A meza me franqueaste,  
Dinheiro e roupa braven.  
Tão boa forte e franca,  
O meu amado bem!  
Que até enfim pagaste  
O triste passaporte,  
Com que eu me fui á sorte  
Por esse mundo além!

Ah! que a bondade eterna  
De Deus, te poupe ainda  
A' provação infinda  
Do frio e do calor...  
E nunca em tempo algum  
Leve a doçura immensa  
A dar-te a recompensa  
De taes provas de amor...

Porto—1883.

JOAQUIM DE ARAUJO.

## AS TRES BONAPARTES

Os ultimos acontecimentos de França reuniram no mesmo dia depois da prisão do principe Jeronymo estas tres princezas: a princesa Clotilde, a princesa Mathilde e a imperatriz Eugenia.

Nada parece mais simples e mais natural ao ler as noticias laconicas dos jornaes, e os telegrammas da Agencia Havas.

Entram todos os dias em Paris as maiores celebridades do mundo, os homens mais conhecidos, as mulheres mais illustres. Reis desthronados, os representantes das raças da Europa mais antigas e fidalgas, escolhem sempre a grande cidade para alfogarem no seu ruido babylonico a saudade das grandezas e a dor dos vencidos. Pelas ruas da sua amargura revoltada eu tinha visto desfilar esse longo cortejo de reis proscriptos, e as scintillações da arte deslumbrante de Daudet, tinha contemplado em toda a grandeza da sua linha escultural, a magestade heroica e inquebrantavel d'essa pobre rainha de Napoles, d'essa altiva soberana, a quem as torturas cruciantes do exilio nunca poderam fazer curvar a cabeça, eu tinha assistido a todo esse desmanchar

de illusões, a esse baquear de esperanças que n'um futuro proximo erguiam ao throno de Napoles o seu filho querido; tinha de perto observado a lamã em que se revolviam em Paris esses principes aventureiros e estroinas, Francisco II o *Rigolo*, D. Carlos, o guerrilha, esses gastos, esses devassos, que n'uma noite de orgia e de vicio sepultavam as tradições gloriosas da sua raça.

N'uma piedade infinita eu tinha visto o velho rei da Westphalia, desthronado e cego, atravessar as ruas de Paris, pela mão terna de sua filha, a loura Antígona; e em presença de tantas grandezas esmagadas, de tantos orgulhos rebeldes e feridos, nunca uma impressão tão grande dominara o meu espirito como ao ler a noticia singela de que se tinham agora encontrado em Paris as tres princezas.

E que eu medi o olhar vago e dolorido que deviam trocar rapidamente essas esposas infelizes e angustas, ao contemplarem no momento da desgraça que as approximava, a cidade dos seus triumphos, dos seus amores, das suas esperanças mallogradas, das suas glorias extinctas.

Eu via essas tres mulheres cahidas da altura d'um throno, descerem mais ainda para baterem as portas d'uma prisão, e as grossas lagrimas choradas n'essa hora angustiosa vi-as eu rolar pelos *trottoirs* parisienses, sem que n'ellas attentasse a multidão grosseira e anonyma.

Pobre imperatriz! Que magoa cruel devia lancearte ao evocares n'um relampago a historia do teu passado e a desventura do teu presente! Como esse povo da republica que tu com a tua gentileza patricia, com a tua graça meridional, com as tuas linhas correctas d'estatuaria, com o fogo dos teus olhos andaluzes, e com as tuas *toilettes bruyantes*, deslumbravas e submetias ao teu capricho de mulher, ao percorreres os boulevards pelo braço do imperador, como esse povo que hoje passa indifferente devia n'esse momento evocativo torturar-te o espirito atribulado, e esmagar-te a razão já crystallizada n'uma dôr de mãe, angusta e inconsolavel.

Devia passar então pelos teus olhos, como por um kaleidoscopio, a tua mocidade triumphante com todo o seu cortejo de viagens, d'amores, de deslumbramentos. Devias n'uma saudade pungitiva rever na memoria, como n'um espelho, as tuas graças de creança, a infancia ridente de Eugenia de Montijo, que tinha a mais palpitante belleza das mulheres de Granada e que roubara ao matiz da vegetação e ao frescor das paisagens da Andaluzia, todo o viço d'uma formosura de mulher que desabrochava em flores de luz e em risos d'auroras.

Depois devias rever-te ainda condessa de Teba, atravessando com tua mãe as cidades da Europa e recebendo no teu espirito as scintillações vivas do sol de Paris e de Londres.

Paris, Paris. Tinhas vinte cinco annos quando a tua belleza irradiava nas festas imperiaes do Elyseu, e se n'essas noites de gloria, ao descobrires entre os olhares que te fitavam, o mais alto de todos e o mais intenso, podias senhar um sonho formoso cuja realidade erguendo-te ao throno de França te faria a maior e a mais invejavel gloria de mulher, nunca previste decerto que o destino, tão cedo, tão implacavelmente te havia de arrebatar o teu sonho doirado e para te cingir a mais angustiosa corôa de espinhos, te havia de arrancar a mais bella corôa d'imperatriz.

Dois annos depois principiava a realizar se o teu sonho soberbo e Paris accumulava todas as suas pompas, todos os seus jubilos, os seus hymnos, os seus bravos e as suas flores para acclamar n'uma febre de delirio desde Notre-Dame até ás Tulherias, a mulher de Napoleão III.

Tão cheios de affectos, de loucuras, de triumphos, deviam ter sido os primeiros dias da tua felicidade, que nem de certo reparaste para o vestigio das lagrimas que pelos salões do velho palacio espalhara pouco mais de meio seculo antes, uma mulher tão bella e tão poderosa como tu, que Paris acclamara com o mesmo enthusiasmo no dia das suas nupcias reaes, para mais tarde a entregar á guilhotina como mais tarde te havia de entregar ao exilio e á dôr.

Dezasete annos durou a tua gloria crescente e ruidosa e todo esse resplandecente periodo devia abraçar o teu espirito n'este momento doloroso. Devias ainda contemplar aos teus pés 40 milhões de homens que se tinham por felizes em ceder a um capricho teu.

N'essa miragem evocativa devias ter visto do alto do throno desfilar todas as grandezas artificiaes do imperio corrupto, toda uma côrte requintada e devassa, uma legião enorme de traidores e palacianos comprados, e em baixo, muito em baixo, o povo mergulhado na escuridão das minas, luctando com a terra, esfalfando-se de trabalho, para pagar com o sangue os caprichos galantes do imperador. Como te havia de soar ainda aos ouvidos o susurro das palmas dadas por milhares de mãos na tua passagem imperial, e como n'essa mesma miragem te imaginarias docemente embalada pelo navio de gala que nos primeiros dias de outubro de 1869 levava a seu bordo com direcção a Veneza, a Constantinopla e a Port-Said os imperadores de França.

Devias recordar as aclamações com que n'essa visita ao canal de Suez e aos principaes monumentos da Turquia e do Egypto foste sempre acolhida como o fóras em Inglaterra, na Hespanha, na Escocia e em todo o meio-dia da França.

Subindo, subindo no teu sonho deviam ter sido os dias gloriosos em que por duas vezes regeste o imperio os que mais haviam de acudir-te ao espirito, e como que para rematar a cupula d'este edificio de felicidades e de triumphos, devias lembrar que fóra tão prodiga a sorte que nos primeiros annos da realidade do teu sonho, te dêra um filho, um herdeiro das tuas glorias e do nome de teu marido.

Subiste, subiste. Estava porém marcado o fim da tua ascensão—1870.

A mão que por essa montanha da felicidade levára 17 annos a conduzir-te ao vertice, d'um só impulso arremessou-te ao abysmo. Esse abysmo foi Sedan. Na mesma cova ficaram enterradas as esperanças da victoria, as felicidades da esposa e a honra do imperador. Não bastava porém. O golpe profundo que derribasse a mãe, faltava ainda e nunca o destino o preparára mais lancinante. Ninguém esqueceu decerto esse spectaculo pungente, cuja descripção occupou os jornaes da Europa, que offerecia a pobre mãe, avelhentada, doente, ralada por um martyrio cruciante, ao atravessar n'uma vertigem doida, cidades, paizes, a Europa, a Africa, para n'um deserto da Zululandia, ajoelhar commovente e piedosa como a mãe do Christo, sobre a cova esquecida que continha os restos esphacelados do seu filho querido, atravessado n'um momento de heroismo pelas zagais dos selvagens.

Foi tudo isto: glórias e magoas, risos e lagrimas que deviam vir á superficie d'esse olhar vago e melancólico que devias ter trocado com as duas princezas, ao entrares em Paris para visitares no carcere um principe da tua familia.

E depois... talvez ainda podesses chorar uma lagrima.

Esposa sem marido, mãe sem filho, imperatriz sem throno!

Pobre mulher.

Como devia ser comprehendido pela mulher de Jeronymo Napoleão esse olhar angustiado! Tambem ella soffrera muito, tambem vira desabar violentamente o sonho do seu futuro radioso.

Que ella, a filha de Victor Manuel, Clotilde de Saboya, tinha tambem direito a occupar um throno. Tambem do alto de seu orgulho de mulher vira em torno do seu nome agitada a opinião da Europa ao ouvir annunciar o projecto do seu casamento. Formosa, tendo apenas 16 annos e essa belleza italiana tão notavel, que ha poucos dias inspirou a um orador illustre estas bellas palavras «... essa Italia, onde se não sabe se é a estatua que copia a mulher se é a mulher que copia a estatua,» a princeza Maria Clotilde trazia para o seu casamento todas as flores d'uma mocidade alegre, que descuidadamente passára brincando e correndo pelos seus jardins de Turim, pelos vergeis formosos da sua terra, ouvindo as harmonias d'aquella opulenta e artistica natureza, e demorando-se ás vezes a contemplar com os seus olhos ávidos de creança as telas dos grandes artistas, ou a escutar n'uma concentração infantil, as musicas divinas dos grandes mestres.

Colhida em flagrante n'este abandono feliz da sua mocidade, para ligar aos do principe Napoleão os seus destinos, Clotilde de Saboya achou-se n'um momento d'esta idade ridente o alvo das atenções politicas da Europa. Viu-se n'esse casamento o symptoma d'uma ruptura com a Austria, inimiga então do Piemonte, e chegou-se até a predizer uma guerra em que deveria intervir a França. Este character bellicoso procuraram affastal-o alguns jornaes que affirmaram ser esta alliança de familia determinada pela sympathia que a França manifestara sempre pela Italia e pelas relações intimas entre os soberanos d'estes paizes.

Fosse qual fosse a razão, a 30 de janeiro de 1859 casava o principe Jeronymo com a princeza Clotilde e a Italia e a França acclamavam esta união.

Veio immediatamente residir para Paris a joven princeza, a quem receberam com o mais sympathico acolhimento a côrte e o publico da grande cidade.

Ambições porém que tivêra ao deixar a Italia, desejos de vir occupal-a do alto d'um throno, sonhos mais proprios da sua familia que da sua idade, alimentados porém com affecto desde que se ausentara da terra onde nascera, para no bulicio de Paris compartilhar a sorte de seu esposo, toda essa miragem de felicidade futura, já desejada e querida, viu-a a princeza apagar-se lentamente, primeiro com a realisação da independencia italiana, depois com os erros de seu aventureiro marido.

Cortados de magoas e dissabores foram os annos da sua estada em Paris. Os arrojos de Plon-Plon, a sua inconsistencia politica, os seus planos varios e contradictorios, a falta de firmeza dos seus princi-

pios, magoavam-na profundamente e irritavam-lhe esse orgulho de raça tão aprumado e tão activo na casa de Saboya. O futuro dos filhos que tão carregado e nebuloso se lhe antolhava, e ainda os profundos desgostos conjugaes soffridos e refreados muito tempo, fizeram um dia a sua explosão natural, e a princeza Clotilde abandonou Paris, e foi procurar na Italia o esquecimento das suas dores, e a tranquillidade do seu espirito.

Mas essa mulher intelligente e activa, essa princeza ferida no mais intimo do seu orgulho, apenas sabe da prisão do principe, deixa o seu velho castello de Moncalieri e vem offerecer ao preso da Conciergerie, a heroica dedicacão da esposa.

E' filha de Victor Manoel.

A ti, que recebeste o titulo de Alteza, e foste comprehendida entre os membros da familia imperial de França, a ti condessa de Montfort, e princeza Demidoff, a ti, filha de rei e rainha da elegancia na alta vida de Paris, a ti, que és celebre pelo espirito e artista pelo coração, que deixaste nos teus palacios da Belgica, de Paris e de Saint-Gratien, o echo fascinante das tuas altas reuniões litterarias, e que em telas primorosas e acclamadas perpetuaste o teu nome de artista, a ti, que desde 1849 até ao «casamento de Napoleão fizeste as honras do palacio da Presidencia, a ti, pobre princeza Mathilde, estava reservada a sorte de receberes, quasi septuagenaria, a alta familia dos proscriptos no carcere de teu irmão.»

JAYME VICTOR.

## O COMMENDADOR MENDOZA

POA

D. JOÃO VALERA

(Continuação)

Imagine quanto me encontraria a revolução franceza e a sua assembleia constituinte, que pendia para realisar estes meus principios, que proclamou os direitos do homem.

Pedi a minha baixa, deixei a minha carreira, e vim, cheio de impaciencia, do outro hemispherio para banhar-me na luz immortal da grande revolução e para acender o meu enthusiasmo no sagrado logó que ardia em Paris, onde julguei que estavam o coração e a cabeça do mundo.

Porém se desvaneceram as minhas illusões. Os apóstolos da nova lei pareceram-me, na sua maior parte, uns velhacos infames ou freneticos furiosos, cheios de inveja e sedentos de sangue. Vi o talento a virtude, a belleza, o saber, a elegancia, tudo o que por algum titulo sobressae na terra, ser victima d'aquelles fanaticos ou d'aquelles invejosos. As proezas dos soldados da revolução contra os reis da Europa colligados não podiam causar-me admiracão. Não me parecia a defeza serena de quem confia no seu valor e direito, mas a coragem febril da loucura, excitada pela embriaguez do sangue e por meio de horriveis assassinios. Paris affigurava-se-me o inferno, e não atino agora em comprehender como fiquei tanto tempo lá. Estava tudo mudado: a brutalidade chamava-se energia, simplicidade o desalinho indecente, franqueza a grosseria, e virtude

o não ser susceptivel de compaixão. Lembrava-me das epochas de maior tyrannia, e não achava nenhuma peor, mórmente se reflectia em que estavamos no centro da Europa e já tinhamos tantos seculos de civilisação e cultura. O tyranno não era um só, eram varios, e todos suaves e sujos de alma e de corpo.

Fugi de Paris e vim para Madrid. Outra desillusão. Se lá julguei assistir a uma tragedia barbara e abominavel, aqui achei-me n'um sainete grotesco, asqueroso e lascivo. Em Paris sangue; em Madrid immundicie.

Não apostatei contudo do meu optimismo, nem puz de lado a minha doutrina de indefinido progresso. O que fiz foi reconhecer o meu erro em calculos de chronologia, nos quaes não tinha contado com a feroz e desgrenhada revolução de França.

Em vista d'esta revolução, bem relativo, o estado de liberdade e adiantamento para as sociedades, que eu phantasiava como immediato, submergiu-se nos abysmos do futuro, dois ou tres seculos pelo menos.

Como n'essa epocha já eu não hei de viver, e como no estado presente do mundo estou farto da vida pratica, decidi refugiar-me na contemplação; e para gozar o espectaculo das coisas humanas, intervindo n'ellas o menos possivel, vou tomar logar, como espectador desapaixonado, em Villabermeja.

Meu irmão que já tem uma filha casadeira, a quem naturalmente deseja que appareça um bom noivo, vae viver para a cidade visinha, onde já tomou casa deixando-me só e á larga no solar dos Mendozas, onde o hospedarei sempre que vier ao logar para negocios.

Sigo o proverbio que diz *ou corte ou cortijo*; uma vez que fujo de Paris e de Madrid, não quero cidade de provincia, quero aldeia.

Na grande casa dos Mendozas bermejinos vou ficar com grão em caldo; mas hão de encher-se alguns quartos com a multidão de livros, que vou levar.

Passaremos uma existencia invejavel; e digo *passaremos* porque supponho e espero que vossa reverendissima me fará companhia amiudadas vezes.

A minha determinação é irrevogavel, e para ahí vou com tenção de não sahir d'ahi, excepto quando for de passeio a cavallo, visitar meu irmão á cidade proxima, que apezar do seu pomposo titulo de cidade, tem tambem muito de povoação pequena e rural, o que seja dito com perdão e em boa paz.

Adeus, bentissimo padre. Encomende-me a Deus, com o favor do qual conto escapar d'esta confusão ridicula da côrte, e em breve poder dar-lhe um apertado abraço n'essa encantadora Villabermeja.

VI

Vinte dias depois do padre Jacintho ter recebido esta carta, realiso-se a entrada solemne do illustre Commendador Mendoza em Villabermeja.

A Madrid capital da provincia, que então se chamava reino, o nosso heroe veiu de carruagem, gastando no trajecto nove dias. Na capital de provincia encontrou-se com seu irmão D. José, com o padre Jacintho, e com outros amigos de infancia, que o esperavam. Entre elles destacava o tio Gorico, mestre Cordeiro, habil fabricante de objectos de coiro e mui notavel na difficil arte de remendar pelles rotas. Tinha sido o rapaz mais diabolico d'aquella terra depois de D. Fadrique, de quem fora tenente nos recontros, batalhas á pedra, e n'outras gentilezas contra o bando de D. Casimiro.

O tio Gorico tinha o defeito de se haver entrega-

do com excessivo carinho a bebida branca. A agua ardente de aniz encantava-o. E como logo que rompia a aurora no estreito horizonte de Villabermeja, o tio Gorico segundo a sua expressão, matava o bicho, resultava que quasi todo o dia estava pouco em si, porque o furor que ateiava no seu ser com os primeiros fulgores matutinos, ia-se alimentando durante o dia, em virtude de frequentes libações.

O tio Gorico porem nunca perdia a razão; o que fazia era envolver aquella luz do ceu n'uma tenue garça, n'uma lampada primorosa, que lhe mostrava as coisas do mundo exterior, e todo o intimo da alma e os thesouros da sua memoria como atravez de um vidro magico. Nunca chegava á completa embriaguez; uma vez só, dizia elle, tinha tido em toda a sua vida, torpor nas pernas. Era um homem de intelligencia em diversos sentidos, e ninguem tinha melhores historietas, ninguem contava aneddotas mais picantes, nem se mostrava mais util e agradável companheiro em uma reunião de familia.

Em Villabermeja gosava de invejavel celebridade

o tio Gorico suspendia o golpe antes de ferir, como se não ousasse consummar o sacrificio. Por ultimo apparecia um anjo com azas de papel doirado, na janella das Casas Consistoriaes, e cantava o romance que principia:

«Suspende, Abrahão, suspende  
Não mates teu filho Isaac;  
Com a tua boa vontade,  
Deus por contente se dá.»

O tio Gorico executou com equal mestria o sacrificio do cordeiro em vez do filho, e todo o resto da cerimonia.

Mais de uma vez tentaram compral-o, offerecendo-lhe muito dinheiro para ir fazer de Abrahão a outras povoações; elle porém não quiz nunca ser infiel á sua patria e privar-a d'aquella gloria.

D. José, o padre Jacintho, o tio Gorico e os outros amigos, muito contentes por terem abraçado D. Fadrique, que tambem estava contentissimo de se achar

lhe que era alguma coisa parecida com um festim. Contam-se ainda em Villabermeja os apuros em que passou aquella noite a tia Ramoncica quando voltou para casa, meditando no que o sobrinho lhe teria pedido para o banquete, e ella desejava que lhe servissem para dar-lhe prazer em tudo. O vocabulo para ella inaudito, com que o sobrinho designava o que desejava, tinha-se-lhe quasi apagado da memoria. Finalmente, consultando Rafaela sobre o caso, e fazendo um esforço de memoria, chegou a recompor o vocabulo e a declarar que o sobrinho tinha pedido *economia*.

—Que é isso Rafaela? perguntou á sua fiel creada.

E Rafaela respondeu:

—Ora senhora! o que ha de ser? *Pouca despeza*.

Mas não succedeu assim. A tia Ramoncica deitou n'aquelle dia a prateleira abaixo.

(Continua).



HABITAÇÕES SOBRE ESTACAS DE ALGUNS POVOS DA AMERICA

por mil motivos, e entre outros porque fazia o papel de Abrahão na quinta feira santa com tamanho primor, que ninguem o igualava muitas leguas em torno. Tendo por tunica um vestido de mulher, por manto uma coberta de cama, com o seu turbante e as suas barbas de linho tomava um aspecto veneravel. E quando subia ao monte Maria, que era um tablado coberto de verdura, que se erguia no meio da praça, adquiria a magestade poetica de um actor. No que porém mais se distinguia, arrancando gritos de entusiasmo, era quando offerecia Isaac ao Todo Poderoso antes de o sacrificar. Isaac era um rapazito de dez annos pelo menos. O tio Gorico levantava-o com a mão direita para o ceo, e assim ficava quatorze ou quinze minutos com o braço estendido, como se não fora de osso e carne, mas sim de rijo aço. Seguia-se para logo o momento das mais vivas commoções, o terror tragico em toda a sua força. Abrahão atava o pequeno ao altar, e puxava de uma truculenta espada, que lhe pendia da cintura. Tres ou quatro vezes descarregava golpes com uma violencia incrível. As mulheres tapavam os olhos e davam espantosos gemidos, suppondo já cortado o pescoço do menino que prefigurava Jesus-Christo; mas

entre companheiros de infancia, emprehenderam a cavallo a jornada para Villabermeja que por se levantarem cedo e trotarem muito poude fazer-se em dez horas, chegando todos ao anoitecer de um formoso dia de primavera no anno de 1794.

D. Antonia, mulher de D. José, e seus dois filhos, D. Francisco de quatorze annos de idade, e D. Lucia que tinha dezoito, acompanhados pela tia Ramoncica, receberam com jubilos, com abraços e mil outras demonstrações de affecto, o Commendador que já tinha por sua a casa solarenga. D. José tinha-se estabelecido na cidade com a familia, e tinham vindo á povoação apenas por dois dias para receber o querido parente.

Este, como era modesto por natureza, espantou-se e regosijou-se por encontrar em Villabermeja, mais popularidade do que suppunha. Vieram visital-o todos os frades, desde os mais elevados até os leigos, o medico, o boticario, o mestre escola, o alcaide e escriptão e muita gente de baixa esfera.

No dia seguinte ao da chegada a tia Ramoncica quiz distinguir-se e distinguio-se, dando um magnifico pipiripao. D. Fadrique, ao escutar esta palavra teve de perguntar o que significava, e responderam-

## ERRATA

Por muito que nos custe, não temos remedio senão fazel-a d'esta vez. Por motivos quaesquer, que não vale a pena averiguar, tanto a poesia *A Lenda do Sol*, do n.º 15, como o artigo *Sciencia Incaica*, do n.º 46, saíram de tal modo leçados de erros, que supponho que, por um lapso qualquer, não foram revistos. Na poesia *Lenda do Sol*, do ar. Virreia Natividade, que já tem publicado mais poesias n'esto jornal com o pseudonymo de Victor Naccou, os erros tomaram o caracter de uma laudação. Não podemos deixar de emendar.

No verso 1.º ha uma *sera* *seria* que devia ser *altior*; no verso 15 um *monumento* passou a ser *monculo*; no 24 passou um *era* a ser *em*. Os versos 41 e 42 apparecem d'esta forma:

Reinava em Portugal el-rei D. João II  
em guerreiro andar, um pouco aventureiro

O que o auctor escreveu foi o seguinte:

Reinava em Portugal el-rei D. João primeiro  
em guerreiro andar, um pouco aventureiro

No 15 passou uma *parra* a ser *garra*, e no 48 um *illice* mudou-se em *ilice*.

As versos 62 tiraram um *veado* que lá estava, e, respaldando assim na lei do reino, erraram as da metrificacão. No 66 passou um *pai* a ser *que*, ficando o verso inintelligivel. O verso 107, perdendo um *com*, perdeu uma syllaba — esse pouco. Pois o 152 ficou pelo, porque perdeu duas syllabas n'um *cozo*. No penultimo verso *caulin*, lá se foi embora um *ca*, que fazia conta no verso, porque lhe servia para a cõnta das syllabas.

Não fallamos um *verso* do pontuação, em trocas de letras, etc., porque o leitor lá iria entendendo, experimentos em Deus.

Com o artigo *Sciencia Incaica*, do n.º 46, acrescentamos igual fracasso. Não emendamos, porque já não temos coragem de matar gralhas. Para dar-nos idéas entretanto do tamanho d'esta pavorosissima typographica, que allí esvoaçou em torno do planeta Fênix, sempre tivemos o seguinte: Quasi no fim do artigo sabe o leitor, de certo com grande respeito, que é possível que a propria *Esther* seja respiração e *officinas* para creações *laxativas*.

O leitor pensou que isto se referia á *Esther* da Trindade, e pensou de si para si que ella effectivamente era aproveitavel para respiração, por ser diaphana como o ar, mas para alimento! O o a brica, não havia creação, por mais invisivel que fosse, que resistisse tres dias a tão pouco substancial sustento. Descansem porém. A propria *Esther* foi apenas a transformacão typographica do proprio *ether*.